



Quando o bordado e as histórias das mulheres se encontram

When embroidery and women's stories meet

Marli Brun*
Marcia Blasi**

Resumo: O sonho, desejo ou necessidade antecede o desenho de um projeto. O ser humano tem muitos sonhos, desejos e necessidades. Somente alguns se transformam em projeto. Para que seja um projeto, é necessário reconhecê-lo ou transformá-lo em projeto. Assim nascem textos e bordados. Ambos são materializações de projetos. Este texto nasceu do desejo de dar visibilidade a diferentes movimentos realizados por e com bordadeiras, os quais compõem os processos de preservação cultural do *Wandschoner* em Ivoti-RS e de desenvolvimento de pesquisa, relacionando narrativas(auto)biográficas e bordado artesanal. Nos textos e nos bordados, as histórias de vidas de mulheres e os saberes relacionados ao fazer artesanal são re-conhecidos, interligados e visibilizados. As dinâmicas de preservação cultural e as experiências bordadas constituem-se como projetos de conhecimento individuais e/ou coletivos, pessoais e/ou institucionais.

Palavras-chave: Pesquisa-formação. Bordado. Histórias de vidas de mulheres.

Abstract: The dream, desire or need precedes the design of a project. The human being has many dreams, desires and needs. Only a few become a project. For it to be a project it is necessary to recognize it or turn it into a project. Like this texts and embroidery are born. Both are materializations of projects. This text was born from the desire to give visibility to different actions made by and with embroiderers, as the cultural preservation processes of the *Wandschoner* in Ivoti, in the state of Rio Grande do Sul and the development of a research, relating (auto)biographical narratives and handmade embroidery. In the texts and embroidery, the stories of women's lives and the knowledges related to making crafts are re-known, interconnected and made visible. The dynamics of cultural preservation and embroidered experiences constitute individual and/or collective, personal and/or institutional knowledge projects.

Keywords: Research-training. Embroidery. Stories of women's lives.

* Graduada em Filosofia e doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 2002). Possui graduação e mestrado em Teologia pela Faculdades EST e especialização em Gestão Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente trabalha no Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST e atua como pastora colaboradora na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Picada 48 Baixa, Lindolfo Collor. Contato: marlibrun@gmail.com

** Possui graduação e mestrado em Teologia pela Faculdades EST. É doutoranda em Teologia pela Faculdades EST. Atualmente trabalha como professora e coordenadora do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST. Contato: retalhos13@hotmail.com

Introdução

No bordado, o pincel é a agulha. As tintas são as linhas e a tela, o tecido. No texto, o pincel e a agulha são o teclado. Na pintura e no bordado, a arte é produzida e fica guardada em telas e tecidos. Para apreciá-las, é preciso estar presente. No computador, é um pouco diferente. Um texto pode ficar guardado na memória ou compartilhado com o mundo através da internet. A pintura e o bordado podem ser transformados em fotos, podendo ser compartilhados da mesma forma. O texto, o bordado e a pintura fazem parte da história da humanidade e hoje podem ser disponibilizados, de forma digital, e acessados na rede global de computadores. Essas três formas de arte retratam experiências que se constituem como práxis. Cada uma com suas características focam em um ou em outro aspecto da experiência humana.

No processo de pesquisa, a experiência das mulheres, que se constitui em processos cotidianos de exclusão, violência, invisibilização, discriminação e preconceito, é o ponto inicial e final do ciclo de interpretação. A categoria experiência, oriunda da teologia feminista, baliza o processo hermenêutico, constituindo-se como categoria a partir da qual a realidade humana é ressignificada sendo considerada como “ponto inicial e ponto do ciclo de interpretação” (tradução nossa), com afirma a teóloga Wanda Deifelt¹. A coragem de contar a própria história exige tornar-se vulnerável. É na vulnerabilidade que há espaço para criatividade, desconstrução e reconstrução, e isso nunca é fraqueza, mas coragem.

Coragem, a definição original de coragem [...] é da palavra *cor* no latim, que significa coração – e a definição original era contar a história de quem você é com todo o seu coração. E assim essas pessoas tinham, muito simplesmente, a coragem de ser imperfeitas. Elas tinham compaixão para ser gentis em primeiro lugar consigo mesmas e, em seguida, para com as outras pessoas, porque, como se vê, não podemos praticar a compaixão com outras pessoas, se não podemos tratar-nos amavelmente. E a última foi que elas tinham conexão, e – esta foi a parte mais difícil – como resultado da autenticidade [...].²

Neste artigo, quando falamos de experiência, referimo-nos às experiências de mulheres que pesquisam, bordam, atuam na preservação cultural do *Wandschoner* e, ao mesmo tempo, refletem sobre suas trajetórias de vida e formação. Conforme Passegi e Souza, a reflexividade autobiográfica é uma “capacidade de criatividade humana para reconstituir a consciência histórica das aprendizagens realizadas ao longo da vida³”. Isso faz com que mulheres, ao bordar suas

¹ DEIFELT, Wanda. The relevance of the doctrine of justification. In: *Justification in the world's context*. Lutheran World Federation, p. 37-38, 2000.

² BROWN, Renê. *Brene Brown on vulnerability*. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/brene_brown_on_vulnerability/transcript?language=en>. Acesso em: 12 nov. 2016.

No original: “Courage, the original definition of courage, [...] it's from the Latin word *cor*, meaning heart – and the original definition was to tell the story of who you are with your whole heart. And so these folks had, very simply, the courage to be imperfect. They had the compassion to be kind to themselves first and then to others, because, as it turns out, we can't practice compassion with other people if we can't treat ourselves kindly. And the last was they had connection, and – this was the hard part – as a result of authenticity [...]”.

³ PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. In: *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 27,



histórias, reconhecem e desconstruem processos excludentes de gênero, raça, etnia, classe, deficiência... Desmanchar bordados, ressignificá-los e bordar novos riscos é um desafio permanente do cotidiano. O bordado contém o contraditório. O movimento de baixar e levantar a cabeça, por exemplo, nos instiga a pensar a relação entre dependência, autonomia, liberdade. A compreensão de que o bordado pode ser um ato libertador passa pelo reconhecimento da autoria da mulher na produção artístico-cultural e dos saberes a ela associados.

Os textos e os bordados, aqui referenciados, buscam o empoderamento das mulheres, o reconhecimento dos seus saberes e da práxis cotidiana e a superação das condições de vulnerabilidade. A pesquisa-formação (Marie-Christine Josso) constitui-se como metodologia possibilitadora do diálogo entre as narrativas (auto)biográficas e o fazer artesanal, na perspectiva retrospectiva-prospectiva. Nessa modalidade de pesquisa, conforme variante aqui desenvolvida, as mulheres narram e bordam suas histórias, refletindo sobre o processo de “bordar a si” e de “bordar o mundo” que estão realizando. Assim a vida se visibiliza como projeto. Ao bordar a si e ao mundo, por meio das narrativas (auto)biográficas(escritas, bordadas), as pessoas têm a possibilidade de chegar a um “projeto de si auto-orientado”⁴. Segundo Josso, as narrativas (auto)biográficas, fundadas nas histórias de vida, contribuem para “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”⁵.

Neste relato, apresentamos dinâmicas envolvendo narrativas (auto)biográficas, pesquisa-formação e bordados que se compõem como parte dos processos de preservação cultural do *Wandschoner* em Ivoti-RS, no contexto de desenvolvimento do Projeto Tecendo Memórias⁶ (2007-2012); das dinâmicas experienciadas na pesquisa⁷ de doutoramento “Bordando cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do *Wandschoner* em Ivoti (2007-2013)”, culminando em 2015 e 2016, com a elaboração e desenvolvimento do Projeto Histórias de Vidas Bordadas. O processo de preservação cultural do *Wandschoner*, desenvolvido no município de Ivoti, é protagonizado por mulheres, entre mulheres, com parcerias de mulheres e homens, instituições comunitárias, sociais, culturais e instituições públicas (escolas, prefeituras, estado) e privadas (empresas).

Vidas bordadas na Cidade das Flores

Em Ivoti, “Cidade das Flores”, mulheres, em parceria com o poder público, instituições

n. 1, abr. 2011, p. 372. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a17>>. Acesso em: 2 out. 2016.

⁴ JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 59.

⁵ JOSSO, 2004, p. 59.

⁶ BRUN, Marli; EGGERT, Edla. A educação no resgate, criação e desenvolvimento de tecnologias sociais de promoção da igualdade de gênero. p. 93-120. In: EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. *A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes*. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2009.

⁷ BRUN, Marli. *Bordando cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do Wandschoner em Ivoti (2007-2013)*. São Leopoldo, 2013.



sociais e comunitárias, atuam na preservação de um artesanato denominado neste município e municípios vizinhos como *Wandschoner* (protetor de parede). Essa modalidade de artesanato foi trazida ao Brasil no início do século 19 pelas famílias oriundas da Alemanha. Posteriormente, também famílias italianas trouxeram para o Brasil esses panos de parede, artisticamente trabalhados. São chamados de panos de proteção de parede porque geralmente eram usados atrás do fogão à lenha com o objetivo de proteger a parede dos pingos de gordura. Confeccionados com tecidos e linhas de algodão, contêm, no centro, uma mensagem bordada. Para fazer o bordado, as mulheres utilizavam ponto corrente, haste, pintura de agulha, margarida, rococó, cheio, cadeia, etc. Em média, eram confeccionados no tamanho de 50 x 70 cm. Por volta de 1950, as mulheres começaram a abandonar a prática do bordado. Entre os fatores, o desenvolvimento industrial, ingresso de mulheres no mercado de trabalho, proibição do uso da língua alemã durante a Segunda Guerra Mundial e a ampliação dos direitos civis femininos. Entretanto, apesar da dizimação do processo de produção, as mulheres continuaram a exercer o papel de guardiãs das peças bordadas e da memória a elas relacionadas. Por isso, podemos afirmar o protagonismo das mulheres na preservação cultural dos *Wandschoners*. No passado, mulheres bordavam e incentivavam suas filhas e netas a bordar. Familiares ajudavam, mas eram elas e são hoje, no processo de retomada da arte de bordar, as protagonistas da história.

A retomada do bordado de *Wandschoner* em Ivoti

Um dos primeiros movimentos de preservação cultural dos *Wandschoners*, que temos conhecimento de maneira informal, foi realizado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) em Ivoti e região. Em grupos de agricultoras, coordenados pela técnica Marna Petry, mulheres foram incentivadas a trazer bordados antigos e bordar novos. Não se tem ideia da abrangência desta proposta, mas, ao que tudo indica, alcançou mulheres da zona rural de Ivoti, Lindolfo Collor e Presidente Lucena. Em 2004, foi desenvolvido em Ivoti um projeto conhecido na localidade como Projeto Memórias Histórico-Afetivas⁸. Mulheres como Valesca Kreutz, Maria Iria Führ, Loni Weber, Hilda Schabarum, Loise Noemi Hoch, Ivete Mariane Johann, Norma Finger, Andréa Cristina Baum Schneck são protagonistas desta história, participando e/ou organizando uma oficina de bordado e retomando ou incentivando a reapropriação dos saberes técnicos-artísticos, necessários à confecção de *Wandschoners*. E mulheres como Loise Noemi Hoch, Gertha Hilda (Kern) Bühler, Elfride Jung, Reinilda Watte, Loni Weber, Elvira Breier, Edelgard Schneider, Ida Erbach Lupschinski, Anísia Schardong, Anísia Schardong, entre outras, preservam a memória de suas antepassadas guardando peças antigas e/ou contando a história de peças confeccionadas pelas suas avós, bisavós, tataravós.

⁸ KREUTZ, Roque Amadeu. Revitalização de um artesanato tradicional. In: KREUTZ, Roque Amadeu; SCHNECK, Andréa Cristina Baum (orgs.). *Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: ecos do passado*. Ivoti: Feevale, 2014, p. 180-184.



Para fazer o registro de peças de *Wandschoner*s antigos existentes em Ivoti, o professor Roque Amadeu Kreutz elaborou fichas catalográficas. Essas fichas foram preenchidas por meio da realização de uma pesquisa de campo, através da qual foram coletados dados de aproximadamente vinte peças antigas. Entre elas, uma de aproximadamente cem anos, cujos dados foram fornecidos por Loise Noemi Hoch. Com o acesso informal ao arquivo eletrônico dessa pesquisa, em 2007 foi possível constatar a relevância histórica dos dados catalogados. As fichas contêm a identificação das bordadeiras, entre elas a de Augusta Kunz Heylmann (1886-1953), autora do *Wandschoner* contendo os dizeres: *Mann kann durch ein Händedrücken Zarte Liebe hoch Beglücken* (“Através de um aperto de mão, a gente pode fortalecer um amor delicado”, na tradução do pesquisador). Essa peça foi bordada em 1906, em Picada Holanda, localidade pertencente atualmente ao município de Picada Café.



Foto do *Wandschoner*⁹ bordado por Augusta Kunz Heylmann

Os dados registrados na ficha catalográfica de Augusta Kunz Heylmann indicam que a coleta da história de um objeto que integra a memória histórico-afetiva dá visibilidade aos valores e saberes das mulheres, os quais são construídos e ressignificados no ambiente familiar e comunitário por gerações. A frase bordada aponta para o uso da língua alemã pela mulher na transmissão de valores para a família e pessoas que frequentam a sua casa, bem como a importância do aperto de mão no fortalecimento de laços de amor e amizade. O adorno com florais aponta para a sensibilidade estético-artística da bordadeira, bem como sua relação com o meio ambiente. Considerando que os panos fazem parte da produção cultural de mulheres, quando pesquisados em conjunto na comunidade tornam possível a identificação de valores e

⁹ HEYLMANN, Augusta Kunz. *Wandschoner*. 1906 (Picada Holanda/RS). Acervo particular Líria Hoch Huff. In: *Catálogo Memórias Histórico-Afetivas*, Ivoti, 2004.

conhecimentos transmitidos pelas mulheres de uma geração para outra. Estudos realizados por Ingrid Margareta Tornquist¹⁰ identificam os *Wandschoners* como instrumentos de transmissão de saberes cultivados de geração em geração nas famílias teuto-brasileiras. Segundo ela, entre os dizeres bordados nos panos de parede, destacam-se expressões de exortação ao trabalho, de valorização da casa, de acolhimento a visitantes, de tranquilidade em meio às dificuldades, que ressaltam a importância da honestidade, entre outros.

O dispositivo “ficha catalográfica”, relacionando as histórias dos objetos às histórias das mulheres, possibilita a coleta das histórias e saberes das mulheres, servindo de dispositivo para que o *Wandschoner* seja reconhecido como patrimônio material e imaterial brasileiro.

A arte de produzir e ressignificar discursos e vidas

A proposta metodológica de educação popular feminista, desenvolvida Edla Eggert, com promotoras legais populares, assim como as fichas catalográficas foram fundamentais no processo de definição curricular do Projeto Tecendo Memórias¹¹. Um dos discursos fundantes da metodologia de pesquisa-formação foi a expressão de um religioso, dirigido a meninas, de que cabeça vazia e mãos paradas é “oficina do diabo”¹². A partir dessa fala, compreendida como violência religiosa, o grupo foi desafiado a refletir e narrar sobre suas próprias experiências de violências, experienciadas no cotidiano e, ao mesmo tempo, foram aprendendo a desenvolver uma técnica de colagem de tecidos, visando representar essas violências e processos de superação. Cada participante representou a violência num retalho, que posteriormente foi emendado, constituindo um pano representativo do grupo. Bolsistas de iniciação científica também contribuíram fazendo a transcrição da gravação dos encontros e reflexão a partir de suas próprias experiências. Conforme Eggert,¹³

O trabalho manual e o tema da violência contra as mulheres são assuntos que a academia tem, ao longo dos séculos, deixado nas margens. Desde a experiência de produção do conhecimento grego, o trabalho manual foi relegado aos escravos e escravas e às próprias mulheres, mesmo aquelas pertencentes aos “cidadãos”. E, a violência contra as mulheres foi invisibilizada tendo em vista que, por serem consideradas sempre de alguém e em função dos outros, segundo Franca Basaglia (1983), elas traziam a marca do seu destino e da sua condição.

Essa experiência de pesquisa-formação foi determinante na desconstrução de discursos que relacionam o bordado à submissão e dependência da mulher. Em 1986, Marta Suplicy publicou

¹⁰ BRUN, 2013, p. 80-81.

¹¹ BRUN, Marli. *Implementação do Projeto Social Tecendo Memórias e sua contribuição para o Desenvolvimento Local em Ivoti/RS* (Monografia). (Aperfeiçoamento/Especialização em Gestão Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16633>> Acesso 01 Nov 2016. Tecendo Memórias: projeto social desenvolvido Instituto de Educação Ivoti e Instituto Superior de Educação Ivoti em parceria com instituições públicas, comunitárias e privadas.

¹² EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 14.

¹³ EGGERT, Edla. Recortar, costurar, colar e narrar: a produção do conhecimento no contexto de formadoras de Promotoras Legais Populares. In: *Revista Ártemis*, vol. 9, dez. 2008, p. 48-59. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/download/11810/6865>> Acesso em: 7 nov. 2016.



o livro *De Mariazinha a Maria*, contendo depoimentos de leitoras e telespectadoras do programa TV Mulher, do qual era apresentadora. Nele, Suplicy fala do caminho de superação que envolve o passar da condição de Mariazinha, definida como a mulher submissa ao homem, à condição de Maria, como mulher livre, autônoma, protagonista da sua história. Os depoimentos trazem experiências de dependência e aprisionamento das mulheres aos homens (companheiros, pais) e os processos de ruptura, superação necessários à mudança de vida. Entre os depoimentos, e aqui chegamos ao bordado, a fala da própria autora do livro em relação à condição de vida de sua própria mãe que experienciava processos de exclusão, dependência e de desapropriação de seu próprio projeto de vida.

Já minha mãe sempre se mostrava a favor da independência econômica das mulheres. Falava frequentemente que a mulher não deve depender do marido financeiramente e rememorava como era agradável, quando solteira, trabalhar na fábrica do pai como sua secretária. Quando eu perguntava então porque não voltava a essa profissão, falava dos filhos, que meu pai não deixava e outras desculpas. Fazia lindos bordados e tapetes, se dizia cansada, não entrava na cozinha. Acho que morria de chateação. Ela é inteligente. E, engraçado, quando recebeu a herança do seu pai, imaginei que enfim iria fazer alguma coisa própria, administrar seus bens, sei lá. Preterindo não assumir responsabilidades, pouco acostumada a resolver questões de negócios, delegou para o meu pai as decisões e continuou a pedir dinheiro a ele. E a reclamar da dependência da mulher... etc... etc...¹⁴

O depoimento de Marta Suplicy associa, com base na experiência de sua mãe, o ato de bordar à condição de dependência da mulher em relação ao homem. Esta experiência, narrada em livro, constituiu-se como paradigmática no momento de reelaboração da proposta do Projeto Tecendo Memórias como curso de capacitação profissional em bordado artesanal. A pergunta que emergiu podemos formular da seguinte maneira: É possível desfazer a associação entre o bordado artesanal (feito por mulheres) e a condição de submissão e dependência de mulheres? Onde encontramos subsídios para desmanchar esses pontos, esses nós? Que dinâmicas foram projetadas e bordadas nos panos das histórias de vidas?

O questionamento de feministas como Nísia Floresta, que não aceitava o currículo oficial da época por meio do qual os meninos eram educados para a ciência e o trabalho público e as mulheres para cuidar e administrar a casa e serem “boas mães”, reforçava o dilema da retomada do bordado na escola. Em 1938, Nísia criou uma escola para meninas para que estas, ao invés de aprender técnicas de bordar, aprendessem latim, “caligrafia, história, geografia, religião, matemática, português, francês, italiano, inglês, música, dança, piano, desenho e costura”¹⁵.

A contribuição do processo de pesquisa-formação, com base em histórias de vida, experienciado pelo grupo de pesquisa, associados a compromissos históricos pelos direitos das mulheres e o projeto pedagógico da própria instituição, levou à criação de uma proposta de curso, constituída de várias áreas do conhecimento. A ideia foi possibilitar que as participantes do curso

¹⁴ SUP LIC Y, 1985, p. 18 apud BRUN, 2013, p. 38.

¹⁵ EGGERT, 2012, p. 438 apud BRUN, 2013, p. 9.



não apenas participassem de um processo de formação em Técnica do Bordado, mas também estudassem história do bordado, direitos humanos, informática educativa, técnica de bordado, gestão de negócios (economia solidária), criação e arte, língua alemã, entre outros temas. A intenção foi possibilitar as condições para que as bordadeiras se apropriassem da história, soubessem reproduzir peças antigas (reaplicar o método das antepassadas) e, sobretudo, tivessem a possibilidade de criar novas peças, segundo seus próprios critérios. Outras áreas visavam contribuir para ampliar os espaços de inserção social e cultural da bordadeira, visando romper com a relação entre bordado e submissão da mulher e, conseqüentemente, com a dicotomia público-privado. Assim peças antigas foram copiadas, ressignificadas e novos bordados surgiram... inclusive no campo da pesquisa.

Quando a arte de bordar borda a si mesma...

Na pesquisa intitulada “Bordando cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do *Wandschoner* em Ivoti (2007-2013)”, várias pessoas narraram suas histórias, constituindo diferentes movimentos, de pesquisa-formação. A intenção era dar continuidade à reflexão sobre o bordado da escola, na escola, pela escola. Nesses movimentos, o foco principal não foi mais a relação entre o ato de bordar e a submissão feminina, mas pensar a função social da escola no diálogo envolvendo a reflexão sobre tecnologia social, conhecimento técnico e conhecimento científico.

O ofício de bordar *Wandschoner*

O reconhecimento de um ofício como patrimônio imaterial brasileiro exige o registro do modo de fazer, informado por quem detém o conhecimento técnico, artístico e cultural de produção das peças, herdado de suas antepassadas. A coleta dos dados¹⁶, referente ao ofício de fazer *Wandschoner*, foi realizada por meio do acompanhamento das aulas de Celita Holler como professora de bordado no Projeto Tecendo Memórias, realização de pesquisa (auto)biográfica, na qual a bordadeira narra sua história de vida, formação e atuação profissional, explica, em detalhes, o modo de fazer *Wandschoner* e faz o bordado de si mesma como bordadeira. Ao narrar os processos que realiza, a bordadeira se reconhece como uma artista que, em vez de usar tinta e pincel, usa agulha e linha para fazer sua arte.

No fundo, no fundo a bordadeira é uma artista que não é reconhecida como artista. O pessoal ainda não pensou que uma bordadeira é como uma pintora. Eu sou uma bordadeira. O povo ainda não reconhece isso. Eles não olham isso ainda. Eles olham o bordado como uma coisa supérflua. É duro, mas é verdade. O bordado ainda não é reconhecido como algo de valor.¹⁷

Esse ofício artístico-artesanal, passado de mãe para filha, é parte de uma tradição

¹⁶ BRUN, 2013, p. 105-141.

¹⁷ HOLLER apud BRUN, 2013, p. 138.

comunitária, que se materializa nas Rodas de Bordado.

As “Rodas de Bordados”

Historicamente, na cultura teuto-brasileira, mulheres se reuniam nas casas umas das outras, normalmente nos sábados ou domingos à tarde, para conversar e bordar. Esse encontro, em língua alemã, era chamado de *Stickkränzchen* ou *Stickkrenzle*, que pode ser traduzido em como “rodas de bordado” ou “rodinhas de bordado”. No encontro, umas ajudavam as outras, emprestando moldes, auxiliando na escolha das cores, pontos. As rodas de bordado fazem parte da história da Moradia Feminina da escola em que foi implementado o Projeto Tecendo Memórias. Para compreender o lugar do bordado na instituição de ensino, fez-se o estudo das rodas de bordado com base na história de vida, formação e trabalho de Nelsi Hepp¹⁸, coordenadora deste trabalho no Instituto de Educação Ivoti.

Pela narrativa (auto)biográfica, constatou-se que as rodas de bordado faziam parte da história de Nelsi antes dela começar a trabalhar na instituição. Posteriormente, após realizar cursos nesta área, começou a incentivar suas colegas funcionárias e estudantes a bordar. Quando assumiu a direção da Moradia Feminina na instituição, introduziu o bordado como parte da formação complementar na escola e de gestão, tendo em vista que nos momentos de formação discutiam-se e encaminhavam-se questões relacionadas à organização geral da escola. Desse modo, as rodas de bordado constituíram-se como parte da metodologia de gestão da escola e formação das estudantes, conforme podemos ver no depoimento de Nelsi Hepp:

Nós valorizávamos tudo o que o aluno [*sic*] fazia de extra-classe no serviço de manutenção da escola (limpeza e organização do pátio e dos ambientes de moradia, auxílio na cozinha, auxílio na granja agro-pastoril, auxílio na biblioteca, almoxarifado, organização das partituras de música), na área artístico-cultural (teatro, dança, orquestra, esporte, coro, roda de bordado, dentre outros). O Boletim de Internato era considerado na avaliação do aluno [*sic*] no Conselho de Classe.¹⁹

Merece aprofundamento o estudo da relação entre as oficinas de bordado e sustentabilidade econômica da instituição. A roda de bordado é uma tecnologia social²⁰, que perpassa gerações, sendo ressignificada no Projeto Tecendo Memórias.

O bordado da Associação das Bordadeiras

Em algum momento, trajetórias de vidas se encontraram nas rodas de bordado da escola. Quem visibilizou este encontro foi a narrativa (auto)biográfica de Vera Koch Schneider²¹ que, em

¹⁸ BRUN, 2013, p. 69-75.

¹⁹ HEPP apud BRUN, 2013, p. 72.

²⁰ Conceito de Tecnologia Social ITS Brasil – Instituto de Tecnologia Social: “Conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida”. Disponível em: <<http://www.itsbrasil.org.br/conceito-de-tecnologia-social>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

²¹ BRUN, 2013, 145-158.



2007, começou a participar como voluntária no Projeto Tecendo Memórias. Desse projeto, emergiu o grupo informal Associação das Bordadeiras Tecendo Memórias. Ao contar e bordar a história do grupo de bordadeiras, do qual é coordenadora, a narradora retomou suas lembranças de infância, em que participou das rodas de bordado com sua mãe, tias, avó e as das rodas de bordado da escola, a qual participou, de forma bem pontual, antes de assumir o trabalho como professora em outra instituição de ensino. E analisou o processo de formação no Tecendo Memórias, do qual resultou um grupo de economia solidária que, além de manter viva a tradição das *Stickkränzchen*, atua na preservação cultural do *Wandschoner*, no incentivo à organização solidária, produzindo e comercializando peças bordadas com pontos antigos e divulgando a proposta em feiras, eventos. Sobre sua experiência, de contar e bordar uma peça representativa do grupo, a bordadeira afirma:

Um desafio que permanece para a cada uma e para nós como grupo é de continuar esse processo de reflexão, motivando cada uma a narrar e refletir sobre sua história e sobre a história do grupo. Uma das razões que faz o grupo permanecer unido é o contínuo processo de renovação e de inovação do bordado e da própria vida. Quando eu compartilhei com o grupo, me dei conta de quão profunda era essa experiência de bordar meus sentimentos e os sentimentos do grupo.²²

A inovação à qual a bordadeira se refere diz respeito tanto às peças produzidas quanto aos processos desenvolvidos. A inovação acontece, por exemplo, quando a bordadeira, ao participar de um processo de pesquisa-formação envolvendo a narrativa autobiográfica, narra e borda a si mesma e ao grupo, produzindo uma nova peça, uma nova história. Esse movimento dialógico de bordar a si e ao grupo e refletir sobre os processos visibiliza a autoria humana na arte de bordar, como veremos a seguir, também nas outras dinâmicas experienciadas pelas bordadeiras no processo de pesquisa-formação, que apresentamos adiante também.

Quando a bordadeira e as costureiras se encontram

No bordado, vidas e saberes se encontram e se desafiam. A ação de bordar-se a si mesma como costureira (profissão exercida por mais de quarenta anos) e de dialogar com saberes construídos e/ou sistematizados pela academia evoca lembranças e saberes e possibilita o diálogo entre conhecimento técnico-artesanal e conhecimento científico.

No processo de pesquisa-formação, a bordadeira Ilca Kunz²³ interagiu com o texto “Saberes e experiências de costureiras”, de Maria Clara Bueno Fischer e Fernanda Gabriela Lampert Maciel. Enquanto bordava a si como costureira e refletia sobre os depoimentos das costureiras presentes no texto, Ilca refletiu sobre seus processos de aprendizagem e vivência do ofício de costureira, estabeleceu relação entre saberes constituídos no cotidiano e saberes

²² SCHNEIDER apud BRUN, 2013, p. 158.

²³ BRUN, 2013, p. 158-165.



investidos (aprendidos em cursos) e mencionou algumas marcas formadoras que impactaram no exercício da profissão. Essa experiência de misturar textos, bordados, contextos é um desafio permanente no reconhecimento da importância da autoria humana na produção de si e da história.

Quando a agricultora borda ofícios da cidade...

Welida Raddatz Prätzel adora flores e bordados. O amor pelas plantas é uma herança do tempo em que era agricultora. Na cidade, encontrou no bordado a motivação profissional para viver. Bordar ela sabia desde o tempo de infância. Mas, em função do trabalho na lavoura, quando adulta, não deu continuidade à prática. Guardava no baú peças bordadas por sua mãe, tias e avós. Após se aposentar, quando retomou a prática do bordado, começou a reciclar algumas peças de bordados antigos, confeccionados por sua mãe. Em função dessa experiência, Welida²⁴ foi convidada a participar de um processo de pesquisa-formação, envolvendo a leitura do livro “Vivendo e Reciclando: Associação dos Recicladores de Dois Irmãos”, escrito por Telmo Adams; bordado de um desenho representativo de uma esteira de reciclagem, contida na capa deste mesmo livro e visita à usina de reciclagem. Ao fazer essa dinâmica de reflexão (auto)biográfica, a bordadeira aproximou o mundo do campo ao da cidade. Nessa aproximação, percebeu aspectos comuns que ela sequer imaginava que existissem. Na sua narrativa, conta que não imaginava que na cidade existem pessoas que trabalhavam para preservar a natureza e que esse trabalho era sujo e pesado. Entre suas lembranças do problema com resíduos, menciona as embalagens de agrotóxico, que foram introduzidas na região em que vivia, na década de 70, 80 do século passado. Sobre seu bordado, ela afirma:

Eu bordei o desenho que está na capa do livro que fala sobre o trabalho de reciclagem. Como o desenho dos diferentes tipos de objetos são muitos pequenos, usei no bordado todas as sobras de linha que eu tinha em casa. Acrescentei algumas flores no desenho do trabalho reciclagem. São as flores do Wandschoner de minha mãe e as flores e plantas que eu gosto tanto de cultivar e que penso que todas as pessoas devem cultivar. Para fazer o desenho e bordar tudo, demorei em torno de 1.120 minutos.²⁵

A pesquisa-formação contribui para a construção da consciência do lugar em que se vive, ofícios desenvolvidos, relevância da preservação ambiental e sobre como mundos, aparentemente distantes, estão próximos. Ao bordar o mundo aparentemente das outras pessoas, a bordadeira vê seu próprio mundo a partir de outros pontos de vista.

Quando (auto)biografias se encontram no bordado

Como construir a interlocução entre quem borda e quem faz uma tese, incluindo a narrativa de sua história de vida? Dessa pergunta nasceu um processo de pesquisa-formação em que a

²⁴ BRUN, 2013, p. 171-176.

²⁵ PRÄTZEL, Welida Raddatz apud BRUN, 2013, p. 175.

bordadeira Valesca Kreutz²⁶, além de ler a trajetória escolar de um pesquisador, bordou a escola a qual ele fez referência na (auto)biografia. Ao bordar, a autora refletiu sobre sua própria trajetória escolar. Para interligar no bordado a sua história com a dele, bordou flores representativas de Ivoti no bordado da escola dele. Quanto à narrativa, houve uma identificação em relação às dificuldades experienciadas no tempo de infância. As lágrimas aumentaram quando ela se deu conta que ele realizara um sonho que ela não havia conseguido: dar continuidade aos estudos. Essas lágrimas estancaram-se ao perceber que são de gerações diferentes e que os filhos e a filha dela também tiveram oportunidade de estudar, e que ela e seu companheiro contribuíram para que isso acontecesse. O bordar é hoje para ela a arte das artes, uma das razões da sua existência.

Aprender a bordar deu um novo sentido à minha vida. O aprendizado do bordado me fez ser parte de um grupo de produção de conhecimento. Ao ler a história de vida do professor Elizeu Clementino de Souza e ao bordar a escola em que ele estudou, lembrei da minha escola e do quanto foi difícil para mim não ter a oportunidade de continuar os estudos. Estudei na infância até o 4º ano. Depois de casada, terminei o ensino fundamental. Hoje, com 70 anos, sinto orgulho em ter me tornado bordadeira. No colorido do meu bordado, está o colorido da minha vida.²⁷

Quando o bordado estava pronto e a narrativa escrita, foi solicitado à bordadeira que dissesse, em uma frase, o que esse processo significou. Foi então que disse para a pesquisadora que o que iriam fazer era “concentrar minhas (suas) ideias em poucas palavras”. Ou seja, concentrar o conhecimento no processo (auto)biográfico é torná-lo um pensamento mais abstrato, mais concentrado.

Projeto Histórias de Vidas Bordadas

O processo de pesquisa-formação, que compõe a tese “Bordando cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do *Wandschoner* em Ivoti (2007-2013)”, acontece no momento de transição em que o Projeto Tecendo Memórias deixa de ser realizado na escola, pela escola e com apoio da escola, passando a integrar as atividades de formação do Programa Lazer Unindo Gerações (PLUG) da Prefeitura Municipal de Ivoti. Neste programa, as atividades recebem o nome de Oficinas de Bordado. A Associação das Bordadeiras Tecendo Memórias continua suas atividades, reunindo-se nas casas das participantes e, posteriormente, nas dependências do PLUG. Em 2015, desenha-se em Ivoti o Projeto Histórias de Vidas Bordadas²⁸.

²⁶ BRUN, 2013. p. 171-176.

²⁷ KREUTZ apud BRUN, 2013, p. 170.

²⁸ Este projeto, embora de caráter ecumênico pela própria composição do grupo, insere-se no movimento internacional de reconhecimento e visibilização da contribuição das mulheres na igreja e na sociedade, coordenado pela Federação Luterana Mundial (FLM), sob o título de “Mulheres em Movimento: de Wittemberg a Windhock”. Em âmbito brasileiro, este movimento é realizado pela Coordenação de Gênero da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em parceria com a Faculdades EST (Programa Gênero e Religião), sob a denominação de “Campanha em Comunhão com as Vidas das Mulheres”. O objetivo da campanha é “resgatar as histórias de mulheres, que fizeram e fazem a história da Igreja, colocando suas vidas, seus dons e suas habilidades a serviço do Evangelho; registrar suas vidas, seus feitos, seus ensinamentos”. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

Integram este projeto a Associação das Bordadeiras Tecendo Memórias, o Programa Lazer Unindo Gerações (PLU) e o Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

Neste projeto, os desenhos bordados em *Wandschoners* são próprias histórias de vidas das bordadeiras que compõem o grupo Associação das Bordadeiras Tecendo Memórias, de Ivoti. Entre os objetivos do projeto, destacamos: incentivar as mulheres a registrar, de forma artística e criativa, suas histórias de vida; construir, com as mulheres, um espaço de “escuta sensível” e de formação técnico-artística; visibilizar e refletir sobre a contribuição teológica e sócio-histórica das mulheres na igreja e sociedade; dialogar sobre exclusão de gênero, sexo, raça, etnia, religião, sexualidade, classe, deficiência, gerações, entre outras.

Os encontros do grupo aconteceram semanalmente ao longo de 2015 e 2016. Entretanto, o projeto em si foi realizado de março a agosto de 2015. Em cada encontro, duas mulheres narravam suas as experiências que elas mesmas escolheram compartilhar. No momento de partilha, sempre que possível, havia a presença da psicóloga Marlise Pires de Arruda e da representante do Programa de Gênero e Religião, Marli Brun, que sistematizou as narrativas, para que pudessem ser incluídas no portfólio. Após a narrativa, cada bordadeira era desafiada a fazer um esboço de sua história, o qual foi aprimorado pela arteterapeuta e coordenadora do PLUG, Andréa Cristina Baum Schneck. Em duas situações, familiares auxiliaram no desenho a ser bordado no *Wandschoner*. Vera Regina Koch Schneider auxiliou as bordadeiras na definição de cores e pontos.

Das oito experiências compartilhadas com o grupo e bordadas nos pano, sete provocaram diálogo no campo da teologia e uma no campo da musicoterapia. As experiências narradas trouxeram temas do cotidiano os quais, de alguma maneira, tinham relação com a espiritualidade e/ou religiosidade das narradoras. De acordo com a experiência de cada mulher, convidaram-se pessoas para dialogar com as bordadeiras, entre elas, as pesquisadoras Marcia Blasi, Odja Barros, Kátia Sassi, Daniéli Busanelo, Zará Gonzalia, Sandra Villalobos Nájera, o teólogo Felipe Kirsch e a pastora Silvia Genz.

Entre os temas, o estar grávida e o dilema de decidir em que igreja a criança seria batizada; estar vivendo o sofrimento causado pela morte do filho e, ao mesmo, buscar no Natal do tempo de infância as recordações de alegria, fé e tranquilidade; lembrar da celebração da ceia da Primeira Comunhão e o sentir falta da comunhão de mesa no dia a dia; o dilema do controle do corpo e da sexualidade e a autonomia profissional da mulher, entre outros. A beleza da proposta metodológica está em fazer teologia partindo da experiência das mulheres, marcada por sentimentos, dores, medos que se identificam como condição de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, demonstram a força e a coragem de contar e bordar a própria história e a história do grupo, da humanidade. De cada história, foi composto um poema. Numa linguagem poética, apresentam elos existenciais que interligam o momento atual da bordadeira, a experiência narrada e a experiência bordada. No diálogo entre as experiências, a teologia e o bordado, saberes foram compartilhados e recriados.

Concluindo o bordado

Mulheres que, ao fazerem olhares retrospectivos de suas histórias de vida e formação, constroem olhares prospectivos, cheios de esperança, amorosidade, coragem e fé. Esses olhares ajudam a definir o projeto de conhecimento de quem pesquisa, de quem borda. Ou seja, todas essas dinâmicas apresentadas refletem o compromisso com processos de formação e de pesquisa, singulares e do grupo. Fé e sororidade são forças retroalimentadoras das novas peças bordadas e inspiradoras de novos bordados e experiências.

Todo bordado algum dia precisa ser concluído. Na mistura de linhas e cores, as formas aparecem e trazem memórias. Cada bordado é diferente, mesmo que o risco seja o mesmo. As histórias de vida, uma vez bordadas, abrem caminho para outras histórias, para releituras e interpretações, e novos bordados. Assim surgem novos projetos, novos textos, novos bordados e todos podem ser ressignificados a partir da experiência, tendo em vista a justiça de gênero. No espiral da vida, a vida é bordada, o bordado cria vida que inspira um novo bordado, e assim vai.

Referências

BROWN, Renê. *Brene Brown on vulnerability*. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/brene_brown_on_vulnerability/transcript?language=en>. Acesso em: 12 nov. 2016.

Brun, Marli. *Bordando cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do Wandschoner em Ivoti (2007-2013)*. São Leopoldo, 2013.

BRUN, Marli; EGGERT, Edla. A educação no resgate, criação e desenvolvimento de tecnologias sociais de promoção da igualdade de gênero. p. 93-120. In: EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. *A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes*. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2009.

DEIFELT, Wanda. The relevance of the doctrine of justification. In: *Lutheran World Federation, Justification in the world's context*, p. 37-38, 2000.

EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Mulheres, 2009.

EGGERT, Edla. Recortar, costurar, colar e narrar: a produção do conhecimento no contexto de formadoras de Promotoras Legais Populares. In: *Revista Ártemis*, vol. 9, dez 2008, p. 48-59. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/download/11810/6865>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

Kreutz, Roque Amadeu. Revitalização de um artesanato tradicional. In: KREUTZ, Roque Amadeu; SCHNECK, Andréa Cristina Baum (org.). *Dramas, comédias e tragédias nas Picadas de Bom Jardim/Ivoti: Ecos do passado*. Ivoti: Feevale, 2014, p. 180-184.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. In: *Educ. rev.*, Belo



Horizonte, v. 27, n. 1, Apr. 2011, p. 369-385. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a17>>. Acesso em: 2 out. 2016.

[Recebido em: dezembro de 2016 /
Aceito em: dezembro de 2016]